



**A invisibilidade negra: o (des) encontro do jornalismo com saúde pública nas doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem a população afrodescendente.<sup>1</sup>**

Kelly Tatiane Martins Quirino<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista – UNESP- BAURU/SP

**RESUMO**

A proposta principal do artigo foi estudar a saúde midiática enquanto informação jornalística, tendo como recorte as doenças que acometem a população afrodescendente nos jornais impressos. O período de análise compreendeu os meses de março e dezembro do ano de 2009 e os jornais analisados foram a *Folha de S. Paulo* e o *Jornal da Cidade* (Bauru-SP). A metodologia utilizada no trabalho foi a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e o Newsmaking e Critérios de Noticiabilidade de Mauro Wolf e Jorge Pedro Sousa.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; saúde; doenças; afrodescendentes;

**1. Jornalismo, saúde e afrodescendentes como objetos de pesquisa**

O objetivo desse artigo é apresentar os resultados da pesquisa de mestrado intitulada “*A invisibilidade negra: o (des) encontro do jornalismo com saúde pública nas doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem a população afrodescendente*”.

A principal hipótese da pesquisa foi de que os jornais impressos não divulgam as doenças de caráter étnico e por vulnerabilidade que acometem a população negra. Os jornais analisados foram a *Folha de S. Paulo* e o *Jornal da Cidade*, de Bauru, interior de São Paulo.

A escolha pelas doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra justifica-se pela importância histórica e numérica que esse povo representa no Brasil. Segundo dados divulgados pela *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD*<sup>3</sup>, com dados de 2009, os afrodescendentes já

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Jornalista diplomada e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus Bauru-SP, email: [kely\\_tatiane@yahoo.com.br](mailto:kely_tatiane@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Dados divulgados pelo IBGE em 08/09/2010 e consultado em <http://noticias.uol.com.br/especiais/pnad/2010/ultimas-noticias/2010/09/08/cresce-proporcao-de-pardos-e-pretos-no-pais-brancos-amarelos-e-indigenas-perdem-espaco.jhtm> consultado em 19/09/2010



representam mais da metade da população brasileira com o percentual de 51,1%. Desses 44,2% declaram-se pardos e 6,9% são pretos. Esses dados confirmam o Brasil como o segundo país com maior população de negros do mundo, perdendo apenas para a Nigéria.

O jornalismo foi um objeto de pesquisa para este trabalho porque é um importante instrumento de divulgação científica. Ao se debruçar sobre informações de pesquisas científicas, o jornalismo encontra o desafio de interpretar dados, métodos, metodologias e resultados e decodificá-los para linguagem coloquial, não-especializada, além de repassá-los para que os diferentes segmentos sociais tenham acesso aquele determinado conjunto de informações. O que mais marca o jornalismo científico de qualidade é a sua capacidade interpretativa, crítica e elucidativa.

O jornalismo científico em saúde tem um desafio ainda maior de estabelecer a ponte entre os estudos das áreas médicas e biológicas para a sociedade, como forma até, de diminuir os gastos públicos com saúde, pois uma população bem informada, se previne contra eventuais doenças no futuro. Dessa forma, o jornalismo cumpre com uma importante função social.

Todavia, antes de adentrarmos nos resultados da pesquisa, alguns conceitos precisam ser destacados. O primeiro deles refere-se à questão de raça/cor e etnia. O conceito raça/cor é uma construção social na perspectiva de afirmação identitária com um grupo. Adotar esses termos na contemporaneidade é uma forma de elevação de auto-estima e de exigir do Estado direitos públicos e garantir espaços sociais.

Batista (2002) vai defender em sua tese de doutorado o conceito raça/cor na análise em saúde também como uma construção social e comprova através de pesquisas que há grupos que desenvolvem doenças por conta de suas características étnicas.

Vários estudos, especialmente nos Estados Unidos, mostram que as pessoas de raça negra – assim como de outros grupos raciais/étnicos, como judeus, ciganos etc. – estão biologicamente mais predispostas a desenvolver doenças, algumas de ordem genética, na dependência também de como se der a interação delas com o meio ambiente físico, social e cultural. Além disso, tem-se comprovado que razões de ordem socioeconômica, padrões culturais definidos a partir da origem étnica e a forma discriminatória com que são tratados alguns segmentos raciais/étnicos podem trazer um risco maior de contrair determinadas enfermidades. (BATISTA, 2002, p. 26)

Além de construção social, o quesito cor ou identificação racial é um item importante nos serviços de saúde, tanto no diagnóstico, quanto no prognóstico e também na prevenção e acompanhamento das doenças com recorte étnico-racial.



Essa política possibilita o acesso a dados para pesquisas acadêmicas e também efetuar políticas públicas em prol da igualdade racial. No caso específico da saúde, essas informações sobre raça / cor / etnia são de suma importância para o SUS e as redes de atendimento básico de saúde.

Além das doenças de caráter étnico-racial, há doenças que atingem um grupo populacional devido à vulnerabilidade. Entende-se por vulnerabilidade a probabilidade maior do risco de adoecer ou morrer que um grupo social possa estar submetido. Batista (2002) esclarece que vulnerabilidade são as chances de exposição de:

(...) determinadas pessoas ao adoecimento, à violência e à morte, como resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos e contextuais, que acarretam maior suscetibilidade em decorrência da menor disponibilidade de recursos de todas as ordens para se proteger. (Batista, 2002, p 46)

O conceito de vulnerabilidade no campo da saúde emerge na década de 90, quando os pesquisadores procuravam elementos para identificar a propagação do HIV/AIDS na população.

Após a apresentação do conceito raça/cor e vulnerabilidade, será citado que a metodologia utilizada no trabalho foi a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e o Newsmaking e Critérios de Noticiabilidade de Mauro Wolf e Jorge Pedro Sousa. Conforme procedimentos oriundos de Bardin, (1977) serão adotadas duas grandes categorias para o exame da pesquisa: a **invisibilidade** e a **visibilidade**.

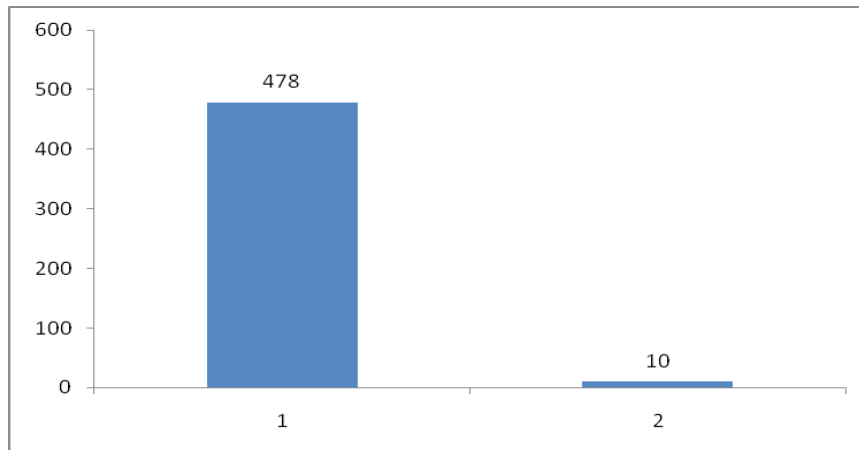
A **invisibilidade** é uma categoria que irá agrupar através de um levantamento quantitativo as reportagens que abordam doenças de recorte étnico racial ou por vulnerabilidade no período coletado, mas que não estabeleceram relação entre população negra e a moléstia.

A categoria **visibilidade** vai agregar o levantamento quantitativo e qualitativo das reportagens as quais relacionaram a população negra com as doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade.

## 2. A Invisibilidade

Após dez meses de coleta dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Jornal da Cidade*, durante o período de março a dezembro de 2009, chegou-se a conclusão que há uma invisibilidade das *doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra* nos dois jornais impressos.

Dos 478 jornais analisados em apenas *dez edições* foram divulgadas reportagens sobre as *doenças por recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra*.



**Gráfico 1 – Total de Edições x Edições que abordaram as doenças que acometem a população negra**

Em percentuais, apenas 1,88% das reportagens abordaram a temática dentro de um total de 478 edições dos dois jornais impressos.

## 2.1 Categorização Quantitativa das Reportagens

No período analisado, em média, a *Folha de S. Paulo* publicou 56 reportagens<sup>4</sup> por edição, totalizando 13.552<sup>5</sup>. Destas, apenas seis reportagens (nesta contagem as notícias do suplemento Equilíbrio foram excluídas) abordaram a temática das doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra. Dessa forma, percentualmente, as doenças de recorte étnico racial representaram 0,044% das reportagens da *Folha de S. Paulo* de março a dezembro de 2009.

Já o *Jornal da Cidade* possui uma média de 63 reportagens por edição, totalizando 14.868. É importante ressaltar que os dados dos dois jornais não são dados absolutos, mas uma média. O jornal regional ficou com mais reportagem porque a *Folha de S. Paulo* possui mais articulistas do que o *Jornal da Cidade*<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Nessa contagem foram excluídos os artigos de opinião, as notas, o painel do leitor, o editorial e as reportagens dos suplementos semanais.

<sup>5</sup> Foi realizado um processo de clipagem nas editorias *Brasil, Mundo, Ciência, Dinheiro, Cotidiano, Ilustrada, Esporte e Saúde*

<sup>6</sup> Foi realizado um processo de clipagem nas editorias *Política, Economia, Geral, Bairros, Regional, Esportes, Cultura, Brasil e Internacional*. Apenas as reportagens foram analisadas.



No período analisado, o *JC* publicou apenas uma notícia (em duas edições diferentes) que abordou a temática de *doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra*. Percentualmente a temática representou 0,013 % nas reportagens do jornal.

## 2.2 A Invisibilidade Silenciosa

Os dados apresentados acima comprovam que a temática de doenças por recorte étnico-racial e por vulnerabilidade nos dois jornais impressos são inexpressivos. A **categoria invisibilidade** foi criada como uma forma de demonstrar que o jornalismo impresso não utiliza como critério de noticiabilidade *as doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra*. Quando apenas menos de 1% das reportagens de um veículo de comunicação noticia um fato, ele não é relevante dentro da produção noticiosa.

O conceito de valor-notícia de Wolf (1985) diz que “regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais, implicitamente, e muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redacionais”, no processo de produção da notícia da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal da Cidade* as *doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra* não são assuntos relevantes para serem divulgados no jornalismo impresso nacional e regional.

Além disso, o percentual de representação das reportagens dos dois jornais somadas é 0,05. Isso equivale afirmar que ao comparar o percentual de afrodescendentes dentro da população brasileira<sup>7</sup> com a porcentagem das notícias sobre *as doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra*, os negros passam representar apenas 0,1% do público nos dois jornais.

Ao analisar os cadernos *Saúde* da *Folha de S. Paulo* chegou-se a um levantamento de que quatro das cinco doenças publicadas no *Manual de Doenças Mais Importantes, por razões Étnicas, na População Brasileira Afrodescendente*<sup>8</sup> foram

---

<sup>7</sup> Para facilitar o cálculo foi utilizado o valor de 50% de afrodescendentes dentro da população brasileira, mas como já foi afirmado nesse trabalho segundo dados do PNAD 2009 o valor correto é de 51,1%, somando-se pardos e pretos.

<sup>8</sup> O *Manual de Doenças Mais Importantes, por razões Étnicas, na População Brasileira Afrodescendente* é o primeiro documento no país publicado pelo Ministério da Saúde, que reconhece, através de dados científicos, de que há doenças mais predominantes nos afrodescendentes devido à etnia. Publicado em 2001, o Manual descreve que as seguintes doenças são mais predominantes na população negra: *Anemia Falciforme, Diabetes Mellitus, Hipertensão Arterial, Síndromes Hipertensivas na Gravidez e Deficiência de Glicose 6 – Fosfato Desidrogenase*.



noticiadas, mas apenas a anemia falciforme é relacionada como uma doença de recorte étnico-racial.

Na *Folha de S. Paulo* as doenças apareceram dessa forma:

- **Anemia Falciforme** – 3 notícias (2 reportagens e 1 artigo)
- **Diabetes** – 17 notícias – (8 reportagens, 6 notas e 3 box)
- **Síndromes Hipertensivas na Gravidez** - 3 notícias (3 reportagens)
- **Hipertensão** – 8 notícias (3 reportagens, 3 notas e 2 box)
- **Mioma**<sup>9</sup> – 2 notícias (1 reportagem e 1 nota)

Foram 33 notícias que abordaram as doenças de recorte étnico-racial, destas 17 reportagens só duas relacionaram a doença com a população negra. Mesmo essas doenças aparecendo como notícias, as mesmas representaram apenas 0,12% das matérias noticiosas no período analisado.

Conclui-se que há uma invisibilidade nos critérios de noticiabilidade no que tange a divulgação dessas doenças (os jornais não estão cumprindo a função social do jornalismo científico em divulgá-las) e há uma invisibilidade silenciosa ao não relacionar essas doenças com a população negra.

Já as doenças por vulnerabilidade aparecem notícias sobre

- **HIV/AIDS** – 12 notícias (10 reportagens, 2 notas)
- **Tuberculose** – 4 notícias – (2 reportagens, 1 nota e 1 box)
- **Cancer no colo de útero** – 3 notícias - ( 2 reportagens e 1 box)

Foram divulgadas 19 notícias sobre as doenças por vulnerabilidade, destas 14 são reportagens. Nenhuma delas relacionou a doença com a população negra. Demonstrando, mais uma vez, que doenças como *HIV/AIDS*, *Tuberculose* e *Câncer no colo de útero*, dentro de um contexto precário de condições socioeconômicas, podem levar os afrodescendentes ao óbito mais cedo e assim, impactar, nos índices de expectativa de vida desse grupo.

E, o jornalismo poderia cumprir sua função social, principalmente no que tange as funções educativas, sociais e culturais do jornalismo científico se fizesse uma cobertura adequada e representativa nos jornais impressos sobre os cuidados, tratamentos, formas de transmissão das doenças.

---

<sup>9</sup> A doença não está incluída no Manual das *Mais Importantes, por razões Étnicas, na População Brasileira Afrodescendente*, mas devido a várias pesquisas internacionais que apontam como uma doença hereditária e como maior predominância entre as mulheres negras, essa dissertação adotou a doença como étnico-racial.



Dessa forma, pode-se concluir que as reportagens da *Folha de S. Paulo* não possuem como critério de noticiabilidade *as doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra*.

Partindo, novamente, do Manual das *Mais Importantes, por razões Étnicas, na População Brasileira Afrodescendente*, o *Jornal da Cidade* noticiou apenas duas doenças mais uma sobre mioma.

- **Diabetes** - 6 notícias (2 reportagens e 4 notas)
- **Síndromes Hipertensivas na gravidez** – 1 notícia (1 reportagem)
- **Mioma** – 1 notícia – 1 reportagem

O *Jornal da Cidade* ainda fez uma cobertura menor do que a *Folha de S. Paulo* ao noticiar as doenças de caráter étnico e não relacioná-las com a população negra.

O *Jornal da Cidade* também noticiou as seguintes doenças por *vulnerabilidade*:

- **HIV/AIDS** – 8 notícias (5 reportagens, 3 notas)
- **Tuberculose** – 3 notícias – (3 notas)
- **Cancer no colo de útero** – 4 notícias - (4 notas)

### 2.2.1 A Invisibilidade Silenciosa – Inferências

Os dados quantitativos revelam que há uma discrepância entre as 478 edições coletadas e apenas 10 edições que noticiam a saúde da população negra por recorte étnico racial e por vulnerabilidade.

Como já foi dito acima, em apenas 1,88% das edições a temática foi noticiada pelos dois jornais impressos. Partindo só desse dado, já é possível responder que não existe uma preocupação dos jornais em noticiarem esse assunto

Os números entre a média total das reportagens dos dois jornais comparados com as notícias sobre as *doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra* demonstram uma total invisibilidade dos dois jornais impressos, já que, essas matérias correspondem a menos de 1% das notícias do jornal.

E mesmo quando abre-se o leque para analisar as reportagens que são consideradas de recorte étnico racial, mas que não citam a população negra, mesmo essa cobertura é ínfima. Doenças importantes, transversais e crônicas como o diabetes e a hipertensão apresentam baixa representatividade (menos de 1% das notícias analisadas).

Dessa forma, pode-se inferir, que a partir da abordagem do newsmaking e do valor notícia, os quais são processos e rotinas redacionais que possuem como objetivo





uma construção da realidade social tendo como recorte a seleção da notícia, *as doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra* são informações invisíveis. Por isso, a escolha da categoria invisibilidade para denominar a representação destas nos dois jornais diários.

Apesar da baixíssima noticiabilidade, é importante avaliar o conteúdo das mensagens que noticiaram as *doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra*. Assim, na próxima análise será apresentado as notícias que divulgaram o objeto dessa pesquisa.

### 3. A visibilidade

Das dez edições que apresentaram notícias sobre *as doenças por recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra* sete foram publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* e três pelo *Jornal da Cidade*. Então, adotar a categoria **visibilidade** pode parecer contraditório, pois essas reportagens representam menos de 1% das informações noticiadas pelos dois jornais.

Contraditório é, mas de qualquer forma, em um determinado momento, as *doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra* entraram na pauta dos jornais como valor notícia e foram publicadas.

Dessa forma, a categoria visibilidade justifica-se, pois é nesta categoria que serão analisados os onze conteúdos das reportagens/artigo publicados na *Folha* e no *JC* tendo como critérios todos os conceitos e discussões apresentados tais como o campo científico e jornalístico apresentados por Bourdieu (2007) e Medina (2008), assim como as funções do jornalismo científico apresentados por Bueno (1988).

Informações sobre a construção e a institucionalização de uma política de saúde da população negra e os conceitos das doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade também serão instrumentais de análise para entender os processos e as forças que atuaram na construção das notícias.

Além é claro das fundamentações metodológicas, que são a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) que já está sendo aplicada nesse pesquisa e as inferências a partir da teoria do newsmaking e critérios de noticiabilidade de Wolf (1985) e das forças da teoria da notícia proposta por Sousa (2000). Então, apresentados como se deu as análises, será apresentado a distribuição das notícias coletadas, conforme o jornal publicado.

Na *Folha de S. Paulo* a temática aparece em 7 edições e no *Jornal da Cidade* em 3 edições. No quadro abaixo, são apresentadas as notícias no jornal *Folha de S. Paulo*.





<b>Data</b>	<b>Editoria</b>	<b>Título</b>
04/05/2009	Saúde	EUA reduz idade para exame de PSA
09/05/2009	Saúde	SUS fará teste de anemia falciforme em bebês
28/05/2009	Equilíbrio (Suplemento)	Beleza Negra
10/07/2009	Saúde	Negro morre mais de câncer de mama, próstata e ovário
13/07/2009	Saúde	Massa Óssea é maior nas crianças brancas do que nas negras
03/08/2009	Saúde	Mulheres têm maior redução de colesterol com exercícios
17/09/2009	Saúde	Transplante pode curar anemia falciforme

**Quadro 01 - Abordagem da Folha de S. Paulo por data, editoria e título**

No *Jornal da Cidade* nas três edições apresentadas o tema foi noticiado pelo caderno *Saúde* e pela editoria *Geral*.

<b>Data</b>	<b>Editoria</b>	<b>Título</b>
22/05/2009	Geral	HE integra a campanha nacional de combate à cegueira pelo glaucoma
26/05/2009	Geral	Glaucoma leva cerca de 400 pacientes ao HE todos os meses
19/05/2009	Saúde	Cicatriz: como tratar essa marca

**Quadro 02 - Abordagem do Jornal da Cidade por data, editoria e título**

A *Folha de S. Paulo* noticiou reportagens e artigos que *abordaram as doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem os negros*. Conforme análise das edições do jornal foram sete reportagens (incluindo o suplemento *Equilíbrio*) que noticiaram doenças de recorte étnico/racial e por vulnerabilidade vinculadas aos negros e um artigo de opinião que aborda a polêmica do conceito biológico de raça entre os pesquisadores científicos quando se fala de doenças por recorte étnico/racial.

Assim foram noticiadas duas reportagens sobre a Anemia Falciforme, duas sobre o Câncer de Próstata, e uma reportagem que aborda as seguintes doenças: Quelóide,



Câncer de Mama e Ovário (na mesma reportagem), Desnutrição, Crescimento Ósseo e Osteoporose (mesma reportagem) e uma sobre os níveis de Colesterol.

O *Jornal da Cidade* noticiou duas reportagens a respeito do Glaucoma, onde os afrodescendentes são citados na categoria “fatores de risco” nas matérias (com a mesma temática, a segunda reportagem é um aprofundamento da primeira notícia publicada) e a segunda é sobre Quelóide é abordada na coluna semanal da médica Daniela Hueb, ao fazer um artigo de opinião sobre cicatriz.

Então, as doenças citadas no *Jornal da Cidade* foram:

- **Glaucoma** – 2 reportagens
- **Quelóide** – 1 Artigo

<b>Gênero Jornalístico</b>	<b>Título</b>	<b>Doença</b>
Reportagem	HE integra a campanha nacional de combate à cegueira pelo glaucoma	Glaucoma
Reportagem	Glaucoma leva cerca de 400 pacientes ao HE todos os meses	Glaucoma
Artigo	Cicatriz: como tratar essa marca	Quelóide

**Quadro 03 – Relação entre os gêneros jornalísticos, títulos e as doenças**

Outro dado interessante foi identificar as fontes que motivaram a noticiabilidade das reportagens/artigos. Nesta categorização é importante destacar de onde esses assuntos são provenientes. Dessa forma, chegou-se a conclusão que a temática adentrou nos jornais através de pesquisas acadêmicas em universidades nacionais e internacionais, congressos científicos, órgãos institucionais como o Ministério da Saúde e hospitais, revistas científicas e sociedades de classe.

Na tabela abaixo, será relacionado o título da reportagem e a fonte primária que desencadeou a notícia.

<b>Título</b>	<b>Fonte</b>
EUA reduz idade para exame de PSA	Associação Americana de Urologia Revista New England Journal of Medicine
SUS fará teste de anemia falciforme em bebês	Ministério da Saúde
Beleza Negra	Congresso Brasileiro de Cirurgia Dermatológica
Conceito biológico de raça gera	Artigo de Opinião



polêmica entre pesquisadores	(Apenas a opinião do articulista, não cita nenhuma fonte)
Negro morre mais de câncer de mama, próstata e ovário	Journal of The National Cancer Institute
Massa Óssea é maior nas crianças brancas do que nas negras	Universidade de Campinas - Unicamp
Mulheres têm maior redução de colesterol com exercícios	Journal of Lipid Research
Transplante pode curar anemia falciforme	Sociedade Brasileira de Médula Óssea Revista Brasileira de Hematologia

**Quadro 04– Relação Reportagem e Fonte na Folha de S. Paulo**

A tabela acima explicita o modelo de jornalismo científico em prática no Brasil, aonde a fonte chega até o jornalista e não o jornalista que vai até a fonte. Retomando os conceitos de Bueno<sup>10</sup> (1988) as fontes ao exercer a função de **difusão científica** o qual é “*todo e qualquer processo comunicacional utilizado na veiculação de informações científicas e tecnológicas*” cumprem esse papel difusionista nos periódicos especializados e nos congressos científicos.

Nas reportagens que foram noticiadas por recorte étnico-racial já é possível identificar as influências dessas fontes através das publicações internacionais *New England Journal of Medicine*, *Journal of The National Cancer Institute* e *Journal of Lipid Research* e a publicação nacional *Revista Brasileira de Hematologia*.

Outro conceito de Bueno (1988) que também é explicitado ao analisar essas fontes é a função de **disseminação científica** o qual é um processo comunicacional que ocorre na “*transferência de informação para um público seletivo, determinado e especializado*”, que no caso são representadas pela Associação Americana de Urologia, pelo Congresso Brasileiro de Cirurgia Dermatológica e a Sociedade Brasileira de Medula Óssea.

As reportagens, que são o produto final após o processo de apuração das fontes, entrevistas, coletas de dados, cumprem o papel da **divulgação científica** que “*É o processo de circulação da informação que compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral*”.

Apesar, que em relação às doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade social, os jornais impressos não estão cumprindo o papel de levar as informações sobre

<sup>10</sup> Abordados no primeiro capítulo dessa dissertação

essas doenças para o público em geral como já foi afirmado na análise quantitativa da categoria **invisibilidade**.

O Ministério da Saúde e a Unicamp podem entrar como fontes nas duas primeiras categorias definidas por Bueno, no entanto, para essa análise as duas instituições serão enquadradas como fontes institucionais públicas, até porque, quando informações desses órgãos chegam às redações também possuem tratamentos diferenciados pois são órgãos públicos de credibilidade e ligadas ao Estado.

No *Jornal da Cidade* as fontes primárias obedecem à mesma lógica da *Folha de S. Paulo*. Na reportagem sobre glaucoma a fonte de disseminação científica é a *Sociedade Brasileira de Glaucoma* e a fonte institucional pública que nesse caso é representada pelo *Hospital Estadual de Bauru*.

<b>Título</b>	<b>Fonte</b>
Glaucoma leva cerca de 400 pacientes ao HE todos os meses	Hospital Estadual de Bauru Sociedade Brasileira de Glaucoma
Cicatriz: como tratar essa marca	Artigo de Opinião (Apenas a opinião do articulista, não cita nenhuma fonte)

**Quadro 05– Relação Reportagem e Fonte no *Jornal da Cidade***

#### **4. Considerações sobre as análises**

As interpretações que se pode avaliar é que ainda não se discute a temática racial no que tange aos assuntos sobre saúde. Como os processos de produção da notícia exigem uma rotina rápida e veloz, as pautas sobre igualdade racial na atualidade abordam as cotas raciais, o estatuto da igualdade racial, as desigualdades socioeconômicas, mas as questões sobre saúde não chegam nas redações.

Pode-se fazer algumas inferências a partir das matérias coletadas. Bueno afirmou que, no jornalismo científico, as fontes mais comuns são de órgãos públicos, universidades, centros de pesquisa e indústria farmacêutica. O Estado elabora as políticas públicas e, depois, poderia divulgá-las de uma forma mais efetiva para os grandes meios de comunicação. Assim, de tanto receber releases e pautas, os jornalistas vão passar a adotar a temática como critério de noticiabilidade porque a informação chegou até ele.

O enfoque da reportagem “EUA reduz idade para exame de PSA” atrelou-se apenas ao teste através de PSA, aos estudos contrários e ao novo medicamento. O recorte



étnico-racial apenas foi citado. Assim, essa notícia corrobora a opinião de Bueno e reafirma uma não preocupação do jornalismo em saúde em abordar a saúde da população negra através do recorte étnico racial.

Outra inferência é sobre os centros de pesquisa e as universidades. Na *Folha de S. Paulo*, das oito reportagens analisadas, três foram motivadas por pesquisas internacionais. Ao discorrer sobre as doenças, Fátima de Oliveira já tinha afirmado que no Brasil, não há um número significativo de estudos sobre as doenças de recorte étnico-racial. A bibliografia utilizada por profissionais interessado na temática é proveniente de pesquisas americanas. Esse fato fica evidente em três reportagens que divulgam pesquisas sobre moléstias que acometem e matam negros americanos.

Dessa forma, os profissionais da saúde no Brasil não conseguem ter uma dimensão clara sobre as conseqüências que as doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade causam na população negra. Uma das soluções para isso, seria o Estado fomentar pesquisas científicas nacionais sobre a saúde da população negra. A reportagem que compara a massa corporal de crianças brancas e negras é importante nesse aspecto, pois estimula a proliferação de estudos na área e está vinculada a um grande centro de pesquisa do país, que é a Unicamp.

Outra inferência é que os fatores de construção da notícia, apresentados por Sousa não estão sendo praticados pelos profissionais do jornalismo para divulgar a temática. A notícia é igual ao produto de várias forças. Na temática sobre as doenças étnicas e por vulnerabilidade, há uma força social, sendo exercida pelo movimento negro, e há a força histórica que demonstra os resultados ainda nos dias de hoje das iniquidades sociais sofridas pelos negros, mas as forças ideológicas, pessoal, cultural, do meio físico e tecnológico não convergem para as demandas dessas pessoas, com isso, não se torna critério de noticiabilidade e se torna invisível para toda a sociedade que existe reivindicações sociais e políticas públicas sobre as doenças que acometem os afrodescendentes.

Esse fato pode ser destacado através da reportagem “SUS fará teste de anemia falciforme em bebês”. O enfoque fica apenas no teste do pezinho para identificar a anemia falciforme que é uma das doenças (a principal por recorte étnico racial no Brasil) que acomete os negros brasileiros em detrimento de toda uma discussão de saúde pública que a própria notícia cita, mas não aprofunda tais como a desqualificação dos profissionais da saúde no que tange a características específicas dos afrodescendentes, o porquê dos 25% das crianças que morrem em conseqüência da anemia falciforme não



possuírem um tratamento médico adequado e o próprio significado do lançamento do projeto Saúde da População Negra.

Enfim, tudo indica que as doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade não participam do processo de escolha das pautas. Os programas estatais criados para auxiliar os doentes também não são veiculados nos jornais. As notícias publicadas não conseguiram contextualizar os fenômenos sociais que ocorrem por trás de doenças como anemia falciforme ou quaisquer outra doença de caráter étnico. Além disso, Bueno está certo ao afirmar que o jornalismo em saúde exerce *lobbys* comerciais, ouve de forma sistemática as mesmas fontes para o mesmo tema e não faz jornalismo, apenas descreve informações, não questiona a pesquisa.

Assim, enquanto permanecer esse modelo pragmático e de objetividade que o jornalismo herdou da ciência, com as teorias racionalistas e positivistas, não vai ser possível temáticas como as doenças de recorte étnico-racial serem noticiadas pelos jornais.

E no que tange ao Estado, este sabe que os meios de comunicação são grandes aliados na divulgação de conhecimento científico. Mas, talvez, o próprio Estado não queira tomar atitudes mais efetivas para mudar a realidade das doenças de recorte étnico racial e por vulnerabilidade. Consciente ou inconsciente, isso também é uma prática segregacionista

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. A. **Filosofia da Ciência**: Introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1982
- ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988
- BATISTA, Luís Eduardo. **Mulheres e homens negros**: saúde, doença e morte. Araraquara: Tese de Doutorado, UNESP, 2002
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Renato Ortiz (org). São Paulo, Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Brasileiro de DST e AIDS**. Brasília, 2000
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico no Brasil**: Aspectos Teóricos e Práticos. São Paulo: USP, 1988
- Doutorado. ECA. Universidade de São Paulo
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003



HAMANN, Edgar Merchan e TAUIL, Pedro Luiz (orgs.) **Manual de doenças mais importantes, por razões étnicas, na população brasileira afrodescendente**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e Cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2007

OLIVEIRA, Fátima. **Saúde da população negra: Brasil ano 2001**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2003

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1999

Sousa, Jorge Pedro. **Construindo uma teoria do jornalismo**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002

SOUSA, Jorge Pedro. **Construindo uma Teoria Multifactorial da Notícia como uma Teoria do Jornalismo**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2000.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed, v.1, 2005

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2 ed, v.2, 2008

VILAS BOAS, Sergio. **Formação e Informação Científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005

WERNECK, Jurema (org). **O livro de saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro, Pallas: Criola, 2000

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1985